

362

# Revista Portuguesa de História

Homenagem aos Professores

Luís Ferrand de Almeida

António de Oliveira

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Instituto de História Económica e Social  
Coimbra 0304

*Revista Portuguesa de Historia*

t. XXXVI (2002-2003)

pp. 487-495 (vol. 2)

**Homenagem da Misericórdia de Coimbra  
a Armando Carneiro da Silva (1912-1992)\***

**MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO**

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Uma forma nobre de preitear alguém que, como o Dr. Armando Carneiro da Silva, ao longo da sua vida se devotou à investigação, à publicação de documentos, à história de figuras e de instituições - à história de Coimbra é a publicação que hoje se dá a público e que integra uma série de estudos de professores da Faculdade de Letras da nossa Universidade. Assim se construiu este livro, conceptualmente aberto, capaz de extravasar as fronteiras físicas e temporais deste momento comemorativo, fazendo perdurar para além da efemeridade os efeitos catalisadores de um projecto, convertido em obra, uma obra abrangente.

Uma palavra de louvor é devida aos Doutores Aníbal Pinto de Castro, João Lourenço Roque, Maria José Azevedo Santos, Nelson Correia Borges, Fernando Taveira da Fonseca e Maria Antonia Lopes, que, dando corpo a esta publicação coordenada superiormente pela Doutora Maria José Azevedo Santos e editada

\* Apresentação da obra *Homenagem da Misericórdia de Coimbra a Armando Carneiro da Silva (1912-1992)*, coordenação de Maria José Azevedo Santos, Santa Casa da Misericórdia de Coimbra, Palimage Editores, 2003.

pela vetusta instituição Santa Casa da Misericórdia de Coimbra e pela prestigiada editora Palimage, prestam esta homenagem, com a maior justiça, ao insigne e incansável investigador e homem exemplar.

A todos, as minhas vivas e sentidas felicitações.

Cabe-me o privilégio de fazer a apresentação desta obra - ainda que tão-só em breves palavras -, um convite que muito agradeço e que aceitei com particular e sentido gosto. Um especial agradecimento aos Doutores Aníbal Pinto de Castro e Maria José Azevedo Santos.

Uma palavra de muito apreço é devida ao Dr. José Lopes Cavalheiro, Provedor desta Santa Casa da Misericórdia, autor das palavras prévias a esta *Homenagem da Misericórdia de Coimbra a Armando Carneiro da Silva (1912-1992)*.

O Dr. Armando Carneiro da Silva, que tive o privilégio de conhecer e de usufruir do seu saber, da sua cultura, da sua disponibilidade, soube impor-se pela lhanza do seu trato, pela disponibilidade constante do seu modo de ser e de estar com os outros, bem assim como pela preocupação insistente e continuada ao longo da sua via em dar a público importantes publicações, documentos, revistas. Particular atenção lhe mereceu sempre a “sua”, a nossa Biblioteca Municipal de Coimbra.

Em palavras sentidas, palavras escritas com sabor pessoal, temperadas pela sensibilidade de alguém que teve o “*gratíssimo privilégio*” de conviver com o homenageado, o Doutor Aníbal Pinto de Castro traça, com a mestria que tão bem lhe conhecemos, o perfil do homem e do investigador-Armando Carneiro da Silva. Ouçamo-las: “A sua recatada modéstia, a sua elegante afabilidade, a sua intrínseca bondade de alma, bem patente no sorriso que sempre lhe animava as feições... a sua argúcia de investigador nato e de saber que viera adquirindo durante anos e anos de paciente pesquisa, por arquivos, manuscritos, gravuras, antigualhas, livros, fossem novos ou velhos...”. Um saber construído e aumentado durante anos, saber diversificado, é certo, mas centrado numa atenção preferencial sobre Coimbra e sua história.

Sou tributária, como muitos dos presentes, desse capital de experiência científica e cultural. Na amena e gostosa conversa, na busca de informação, na pesquisa nos jornais e revistas, muitos estudantes e quantos professores usufruíram dessa “*dadivosa generosidade*” do colecionador, do investigador, do estudioso! Com uma “*beneditina paciência caldeada com uma espécie de sensibilidade afectiva*”, como tão bem recorda o Doutor Aníbal Pinto de Castro, o erudito coimbrão desenvolveu um labor profícuo, sob os auspícios da Biblioteca Municipal de Coimbra. Instrumento de particular utilidade para todos quantos se interessam

pela história de Coimbra é a compilação dos *Jornais e Revistas do Distrito de Coimbra* e o mesmo se podendo dizer dos *Catálogos de manuscritos*, dos índices e sumários, dos roteiros, das cartas de brasão do Arquivo Municipal. Pela sua pena se redescobriram repertórios, fonte de rica informação para a história do teatro, materiais iconográficos que ilustram os *Retratos gravados de Santa Isabel*, a *Retalhística coimbrã* e as *Estampas coimbrãs*.

O estudo do Doutor Aníbal Pinto de Castro documenta à saciedade esse percurso do investigador que revivificou figuras e deu particular atenção às instituições que tanto acarinhava - a Santa Casa da Misericórdia e a Biblioteca Municipal. Por esta encetou uma luta incessante para ver realizado o seu ambicionado projecto - a construção de uma nova Biblioteca Municipal que propiciasse, como refere o autor deste estudo, o “bom desempenho das suas múltiplas funções culturais” e cívicas. Não se consumou, todavia, no seu tempo esse tão profundo desejo!...

Mas Carneiro da Silva continuou a escrever, a lutar, a reflectir, a agir. Disso é prova a publicação “com a maior regularidade e finalidade” do *Arquivo Coimbrão* e a organização do acervo documental compilado no Arquivo da Misericórdia. As páginas eloquentes do Doutor Aníbal Pinto de Castro no estudo sugestivamente intitulado -*Armando Carneiro da Silva, Um Investigador e um Homem Bom ao Serviço da História de Coimbra* - a que não é alheio o sentimento pessoal de admiração, revelam a obra dedicada que se deve - que nós devemos - ao labor de Carneiro da Silva, realçando também, e com justeza, o seu comprometimento com a prestação de serviços à comunidade, em que empresta ao saber o sentido de uma consciência cívica pautada por valores essenciais.

Que outro tema poderia estar mais no centro das preocupações de Armando Carneiro da Silva do que as reflexões sobre a sua cidade, sobre Coimbra? E que outra forma poderia ser mais adequada que a análise múltipla e plural sobre essa viagem pela Coimbra do passado?

Viagem por “Coimbra pequena, romântica e bucólica cidade” nos recorda o Doutor João Lourenço Roque que, com olhar sensível e num quadro de reflexão muito atenta ao contexto da história local, nos revela *Coimbra no Século XIX-Breves “Imagens” Urbanísticas e Sociais*. Serão apenas, como sugere no título, “Breves Imagens”? É mais, muito mais o que o autor, de forma aliciante mas fundamentada, nos dá a conhecer. São autênticos traços pictóricos aqueles com que se descreve o tecido urbano, em que emerge a monumentalidade arquitectónica e artística, em que circulam homens e haveres, em que se captam vivências, em que se perscrutam as sensibilidades e onde se desnuda o bom e mau viver das “gentes” de Coimbra.

O campo circunda a cidade. O rio reflecte-a. O rio Mondego, fonte de riqueza e fonte de desgraça: local de trabalho e de lazer e até... de prazer, como sugestivamente documenta João Lourenço Roque.

Entremos na cidade, na cidade das colinas, percorramos as ruas, apreciemos as praças, as casas. Uma descrição pormenorizada da geografia citadina capta a evolução urbanística e indicia o crescimento demográfico. Como se vivia em Coimbra? A cidade dual que separava o “estudo” e o “trabalho”, como bem justifica o insigne historiador e meu Mestre Doutor António de Oliveira, a quem tributo a minha profunda homenagem e admiração. O quotidiano do estudante, mas também o pulsar da vida citadina, o afã dos que vinham dos arredores, o labor dos comerciantes, dos feirantes, dos artífices, dos criados, enfim, um “mundo de trabalho” que João Lourenço Roque descreve com preciso e claro detalhe. Assim se visualiza o quadro da vivência coimbrã de Oitocentos. Percorrem-se os vários estádios da realidade. Cruzam-se e entretecem-se as suas acções. Perpassam por este estudo clivagens e antagonismos sociais numa correlação estreita entre a história social e a história das sensibilidades. Vivências e emoções mundanas e religiosas. Coimbra e a sua região, teatro de episódios dramáticos, mas também de festa. Sociabilidade estudantil, sociabilidade associativa, profissional, recreativa e cultural.

Quadros de vida (de vidas) a que João Lourenço Roque dá cor, dá sonoridade “no fluir existencial tecido de múltiplas contingências e adversidades”.

Não seria uma dessas adversidades o amplo e díspar universo da pobreza? Pobreza e desamparo que a Santa Casa da Misericórdia tanto cuidava em prevenir e remediar. É o que demonstra a Doutora Maria Antonia Lopes em *Imagens da Pobreza envergonhada em Coimbra nos séculos XVII e XVIII: Análise de Dois Róis da Misericórdia*. A autora socorre-se de fontes muito sugestivas do Arquivo da Misericórdia de Coimbra e documenta, com particular clarividência, um percurso de longa duração numa perspicaz e útil análise comparativa. A leitura da sua importante obra *Pobreza, assistência e controlo social em Coimbra (1750-1850)*, a sua tese de doutoramento publicada pela Palimage em 2000, é complementada com outros estudos, como este, integrado na obra que hoje se apresenta, e em que ressalta o rigor, a precisão e também a abundância dos dados.

Como se distribuía no espaço urbano a pobreza coimbrã nos séculos XVII e XVIII? Mas que pobreza?

São sugestivos e concludentes os dados que a autora analisa quanto à tipologia dos pobres e à percentagem dos que eram socorridos pela Santa Casa da Misericórdia, “a mais proeminente instituição assistencial da cidade”, nas palavras de Maria Antonia Lopes.

A apreciação analítica, rigorosa e pormenorizada das fontes -*Rol dos pobres de Santa Justa*, provavelmente de meados de Setecentos, e o *Rol dos pobres doentes a que se dá Esmola desta Santa Casa da Misericórdia aos Domingos e quartas feiras* [1629-1637] permite um expressivo confronto e importantes conclusões sobre a dimensão e o tipo dos agregados familiares, as dificuldades do quotidiano, o crescimento acentuado das pessoas a viver em solidão, as várias situações de pobreza.

Qual era, em Coimbra, a clientela da Santa Casa da Misericórdia em Seiscentos e Setecentos? Segundo Maria Antonia Lopes, era a pobreza honrada, ou meritória ou envergonhada. Os dados são quantificados e registados em quadros bem elucidativos sobre a distribuição percentual dos doentes, as esmolas semanais, o local de residência, a situação conjugal dos adultos pobres, etc.

Características da pobreza indiscutivelmente estruturais ao longo de séculos - retrato do pobre de Coimbra traçado “em grossas pinceladas” - na expressão da autora - de setecentos aos meados do século XIX.

Imagens de crua e dura realidade de outro *universo* de Coimbra...

Mas a Santa Casa da Misericórdia de Coimbra cumpria no curso dos séculos a sua honrosa missão assistencial. O valioso estudo do Doutor Nelson Correia Borges sobre o *Colégio de Santo Agostinho: Espaços Monástico-Ecolares* é disso um bom testemunho comprovativo.

A linguagem das formas não se revela só como o mais directo meio de comunicação humana; é também o de mais alto sentido quando se exprime livremente. Um obra de arquitectura, como qualquer outra construção plástica, pode traduzir de igual sorte a vida espiritual e cultural de quem a concebeu e gerou, mas é também susceptível de criar emoções estéticas.

Na exegese bem documentada de Nelson Correia Borges relembram-se a criação e reforma dos estudos universitários e o empenhamento dos cônegos regentes de Coimbra. Assim, no âmbito das reformas monásticas do século XVI, as directrizes que norteiam a reforma preconizam “as regras da vida comunitária e padronizam certos comportamentos”. Em Coimbra, e não podemos deixar de transcrever o que sugestivamente o autor afirma: “decorre a construção de novos espaços, o renovar do fermento religioso e o relançamento da esmorecida actividade cultural e escolar”. Razões sobejas para que se instalassem novos colégios monásticos de modo a romper “o espartilho medieval”. Assim aconteceu com a edificação do novo Colégio, em 1593, designado *da Sapiência*, dedicado ao Patriarca Santo Agostinho. Por isso mesmo, mais conhecido por *Colégio de Santo Agostinho* ou *Colégio Novo*.

Guiando-nos sempre pela detalhada mas aliciante descrição do autor, sabemos quem fez a traça da obra, como foi concebida a complexidade do edifício - grande massa arquitectónica - sabemos das dificuldades superadas, do financiamento dos trabalhos e a data aproximada da sua conclusão. Sabe-se, ainda, que só em 1637 estaria em condições de ser sagrado.

Na fluidez da descrição de Nelson Correia Borges perpassa toda a concepção arquitectónica e a implantação topográfica do edifício que avulta na Alta Coimbrã, marca dos cruzios, símbolo visível do poder da comunidade - de união entre a Baixa e a Alta da cidade.

O complexo e amplo conjunto do Colégio é objecto de um atento, perpicaz e sensível olhar do autor que estrema com cuidada precisão “os lugares da sobrevivência corporal” - o dormitório, o refeitório - espaços estes que confinavam com outros espaços de maior interioridade e recolhimento, segundo as regras do ideário agostiniano - o lugar de estudo, de reflexão, de leitura, de ensino. Lugares de saber, mas também lugares de lazer que possibilitavam, como escreve o autor, “a recreação saudável, sem quebra de recolhimento nem da obrigação da clausura”. Interioridade também estimulada pelos espaços litúrgicos e de oração.

Grandeza e vitalidade com que os cruzios premeditadamente desejavam impressionar “talvez - acrescenta-se - para rivalizar com os jesuítas”.

Mas o futuro apontaria outros caminhos...

Com a extinção das ordens religiosas masculinas, em 1834, os colégios universitários de Coimbra foram reconvertidos em múltiplas e variadas instituições laicas. Assim aconteceria ao Colégio de Santo Agostinho, abandonado, mas depressa recuperado. Em 30 de Maio de 1835, a Câmara de Coimbra, fazendo eco de um pedido da Santa Casa da Misericórdia, solicita o edifício para sua reutilização com fins assistenciais - como Colégio dos Órfãos. Uma vez mais se consumava o fim último da Misericórdia, o seu cunho marcadamente assistencial.

A verdade, todavia, é que o Colégio de Santo Agostinho viria a recuperar, já em tempos recentes, o seu estatuto primeiro - o de Colégio da Sapiência - lugar de cultura e de saber, hoje, a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Vicissitudes várias e em tempos diversos por que passou a Santa Casa da Misericórdia...

Retenhamos agora a nossa atenção num particular, mas elemento essencial - o *Órgão da Capela da Santa Casa da Misericórdia. Alguns Apontamentos para a sua História* são compilados, descritos e analisados com um fecundo sentir e particular conhecimento pelo Doutor Fernando Taveira da Fonseca.

Do amontoado de peças - a caixa, os tubos, as teclas, os sistemas - em grande parte danificadas pelo incêndio que deflagrou nas instalações do Colégio dos Órfãos na madrugada de 14 para 15 de Janeiro de 1967 - reconstruiu-se o órgão para que alegresse “estudantes, organistas e ouvintes”.

Registo de enorme precisão, detalhes técnicos de cuidado saber de Taveira da Fonseca que se auto-designa “amador”. “Amador” porque ama, porque percebe com acuidade a harmonia dos sons, contagiando o próprio leitor com a sua rara sensibilidade.

Capta-se a musicalidade do órgão no recolhido silêncio interior, nos rituais litúrgicos, no “culto divino que marcava tão intensamente a vida da Misericórdia”. Assim, a máxima solenidade era dada também pela música no culto e pelo instrumento litúrgico por excelência - o órgão.

Ao compulсар os documentos, na análise atenta das notícias, interrogando-se perante informações nem sempre explícitas, o autor questiona, formula interrogações e sugere hipóteses sobre a manufatura e a datação do órgão reconstruído da Capela, sem que - sublinha - haja elementos suficientemente explícitos e com “força probatória de um registo”.

Hoje, o órgão que vemos é, na prática, um órgão novo. Este estudo reflecte, com acentuado rigor e inequívoca precisão, todo esse trabalho de recomposição, sem contudo se desvirtuar a estrutura original do órgão da Misericórdia.

Ouçamo-lo. A sua sonoridade perpassa pelas palavras sentidas do “amador” que sabe e consegue transmitir ao leitor o sentir anímico pelo objecto em estudo. Dá-lhe vida, dá-lhe sonoridade, dá-lhe *anima*. A música eleva-se, o cântico emerge, o espírito inebria-se, o mesmo é dizer, pela expressão de Fernando Taveira da Fonseca, “os que escutam recolhem em si um fruto de paz e um bálsamo de alma”.

Se o som inebria, a palavra escrita rememora. Assim o comprova o documentado e sistemático estudo da Doutora Maria José Azevedo Santos que nos abre as portas e nos mostra, com especial pormenor, a “*Sala Armando Carneiro da Silva Notas para a História do Arquivo da Misericórdia de Coimbra*”.

Como outras instituições congêneres, a Misericórdia de Coimbra vocacionava-se, de forma directa, para o apoio assistencial desde a sua criação em 12 de Setembro de 1500 pelo alvará outorgado pelo rei D. Manuel I.

A crescente burocratização política, como bem fundamenta a autora, exigia o registo material. A documentação aumenta progressivamente, mas a sua conservação e transmissão fazem *jus* ao criterioso trabalho do escrivão da Mesa. Acervo abundante, mas uma “constante preocupação com a integridade e conservação do cartório” são aspectos bem sublinhados neste estudo. A competência e o saber de Maria José Azevedo Santos permitiram um denso trabalho sobre



os espécimes existentes nesse acervo documental, sobre os materiais de escrita utilizados, sobre o abundante multigrafismo, sobre os sinais de tabelião, os selos de chapa, as marcas de água, as assinaturas de homens e mulheres, por mão própria ou a rogo.

Os dados são preciosos e dão ao leitor uma clara visão dos *Documentos Antigos* e dos *Documentos Novos*, da documentação avulsa, da situação do cartório e da biblioteca.

A vida activa e complexa da Misericórdia passa por toda esta múltipla e diversa documentação e pela sua inventariação. Não admira, pois, como refere com toda a propriedade a autora, que o inventário de 1869-1870 propicie, de forma mais explícita, um avaliar da dimensão alcançada pelo cartório “bem como o grau e qualidade do saber arquivístico dos seus responsáveis”.

Todo o trabalho de natureza arquivística, penoso, exigente, demorado, permitiu a inventariação de livros, papeis, pergaminhos, que ocupavam um espaço considerável. Com o incêndio de 1967 esse “opulento arquivo” ficou, em parte, destruído e, em parte, disperso. Quem o reordenou? Valeu-lhe, como bem sublinha, com especial ênfase, Maria José Azevedo Santos, “o enorme, sábio e paciente esforço” de Armando Carneiro da Silva, irmão desde 1965 e Mesário desde 1981 e 1992, ano da sua morte.

É preciosa a detalhada descrição dos importantes trabalhos de inventariação, de classificação, de carimbagem, de limpeza, de tantos livros e de milhares de documentos. Maria José Azevedo Santos sabe, como ninguém, o prestimoso labor de muitos anos e de muitas pessoas envolvidas neste meticuloso e paciente trabalho. Só assim foi possível a consumação do almejado projecto - a inauguração da *Sala Armando Carneiro da Silva* que abrange o precioso arquivo, em 2 de Janeiro de 1996.

Comungo do vivo entusiasmo da autora que traduz o seu radioso sentir quando afirma: “Tombos e cartas saíram das estantes e dos maços para, pela primeira vez, na história da Misericórdia, serem mostrados em público”.

Instituição de bem fazer, ao corpo, à alma, ao espírito, a Santa Casa da Misericórdia, casa de assistência, mas também instituição que permite, pelo seu valioso acervo documental, construir saberes, em múltiplos aspectos, saberes sobre Coimbra, sobre a sua região, sobre a sua história. Que melhor herança nos poderia legar? Por certo, o mais gratificante desígnio que perpetuará a memória da Instituição e do Homem que a ela deu tanto do seu labor, esse homem que é Armando Carneiro da Silva.

Um saber construído ao longo de dezenas de anos como documenta de forma tão precisa e minuciosa a Biobibliografia coordenada e organizada pela Doutora Maria José Azevedo Santos.

Este livro que ora se apresenta é, indiscutivelmente, fruto do trabalho comum e de reflexões várias. Testemunho de um inteligente espírito de colaboração e salutar vontade colectiva.

As ilustrações enriquecem-no e o aparato gráfico merece uma menção honrosa.

A homenagem ao Dr. Armando Carneiro da Silva é o elo integrador desta obra colectiva. É esse mesmo sentir que hoje nos reúne aqui, reiterando o nosso preito ao homem de saber e ao cidadão\*\*.

\*\* A minha sentida e profunda homenagem e gratidão aos Mestres, homens de saber e de tão admirável riqueza humana, Professores Doutores António de Oliveira e Luís Ferrand de Oliveira.